

O Que É Ter DNA Rubro-negro?¹

Milanna Carvalho AMBRÓSIO²

Graciene Silva de SIQUEIRA³

Universidade Federal do Amazonas, Parintins, AM

RESUMO

Este trabalho descreve o processo de construção da crônica *O que é ter DNA rubro-negro?*, além de uma breve explanação acerca da relação Jornalismo-Literatura, bem como esclarecimentos acerca do gênero crônica. O produto apresentado foi uma produção textual da disciplina Jornalismo Impresso I, ofertada no segundo período do curso de Comunicação Social-Jornalismo, na Universidade Federal do Amazonas, campus Parintins. Trata-se de uma crônica esportiva que descreve o sentimento de uma pessoa pelo Clube de Regatas do Flamengo, do Rio de Janeiro.

Palavras-chave

Jornalismo Literário; Crônica; Jornalismo Opinativo; Flamengo.

1 INTRODUÇÃO

Sabemos que a relação entre jornalismo e literatura não é recente. No final do século XIX, o jornalismo no Brasil estava intensamente calcado em produções literárias. Obras como *O Guarani*, de José de Alencar e *Memórias de um sargento de milícia*, de Manuel Antônio de Almeida, foram conhecidas pela imprensa antes de serem publicadas como livro. Grande parte do conteúdo dos jornais na época era um hibridismo entre jornalismo/literatura. Somente a partir do século XX é que o discurso jornalístico esboça uma tentativa de separação entre as áreas. Porém, foi na década de 50 que a separação se tornou mais radical, com a criação de manuais de redação nos jornais brasileiros. O primeiro deles foi no jornal Diário Carioca e idealizava a busca por textos neutros e objetivos (NASCIMENTO, 2009).

Entretanto, foi nos EUA, depois da década de 60, que surgiu o *new journalism*⁴, época na qual

¹ Trabalho submetido ao XXI Prêmio Expocom 2014, na Categoria Jornalismo Literário e/ou de Opinião (avulso/ conjunto e série)

² Aluna líder; estudante do 3º período de Comunicação Social-Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas, campus Parintins, Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia. E-mail: milannafla@gmail.com

³ Orientadora do trabalho, professora do curso Comunicação Social-Jornalismo. E-mail: graciennesiqueira@gmail.com

a aproximação jornalismo/literatura se faz mais definitiva, com as produções inovadoras dos jornalistas-autores Gay Talese, Norman Mailer, Tom Wolfe e Truman Capote. É de autoria deste último o conhecido livro “A sangue frio”, publicado em 1966, considerado o marco do gênero [...] (NASCIMENTO, 2009, p. 110).

Já no Brasil, a história do jornalismo literário está ligada a autores como Joel Silveira e José Hamilton Ribeiro, que se são considerados ícones nesta área. No entanto, antes deles, um autor já havia nos mostrado a base do jornalismo literário, com o clássico *Os sertões*, em que narra o episódio da Guerra dos Canudos (NASCIMENTO, 2009).

“A expressão jornalismo literário é utilizada para identificar iniciativas marcadamente subjetivas e interpretativas na produção jornalística, em que a construção do relato privilegia o traço do autor e sua criatividade ao compor o texto” (NASCIMENTO, 2009).

O jornalismo convencional, do dia a dia, oferece aos leitores textos que buscam ser o mais objetivo possível. Nele não há espaço para opinião nem interpretação do jornalista. Esta tarefa – a de opinar – é dada ao Jornalismo Opinativo, gênero no qual podemos encontrar artigos, resenhas, comentários, colunas, crônicas, entre outros. A crônica é um misto de jornalismo e literatura, por isso, ela faz parte, tanto do universo jornalístico quanto do literário.

No âmbito jornalístico, a princípio, ela tem o papel de informar e abordar com humor ou não um acontecimento do cotidiano. Ela também pode utilizar recursos literários para falar de determinado tema em um tom crítico. Entretanto, a crônica apresentada neste trabalho trata-se de uma crônica que segue o estilo de Nelson Rodrigues. A ideia de criar um texto que foge dos padrões informativos e transmite emoção e sentimento por um clube de futebol teve influência a partir de uma frase de Nelson. “Em futebol, o pior cego é o que só vê a bola”. (RODRIGUES, apud BARBEIRO; RANGEL, 2006).

Melo (2003, p. 148) aponta que “a crônica é um gênero plenamente definido. Sua configuração contemporânea permitiu a alguns estudiosos proclamarem que se trata de um gênero tipicamente brasileiro, não encontrando equivalente na produção jornalística de outros países”. Melo (2003, p. 148) ainda destaca a ponderação de Paulo Rónai: “Para qualquer brasileiro a palavra crônica tem sentido claro e inequívoco, embora ainda não dicionarizado: designa uma composição breve, relacionada com a atualidade”.

De acordo com Massaud Moisés (2003, p. 101), o termo crônica vem

⁴ O *New Journalism*, ou Novo Jornalismo foi um movimento no qual os jornalistas procuravam ter mais liberdades nos textos. Este movimento culminou no Jornalismo Literário.

do grego *chronikós*, relativo a tempo (*chrónos*), pelo latim *chronica*, o vocábulo “crônica” designava, no início da era cristã, uma lista ou relação de acontecimentos ordenados segundo a marcha do tempo, isto é, em seqüência cronológica. Situada entre os anais e a história, limitava-se a registrar os eventos sem aprofundar-lhes as causas ou tentar interpretá-los. Em tal acepção, a crônica atingiu o ápice depois do século XII, graças a Froissart, na França, Geoffrey of Monmouth, na Inglaterra, Fernão Lopes, em Portugal, Alfinso X, na Espanha, quando se aproximou estreitamente da historiografia, não sem ostentar traços de ficção literária. A partir da Renascença, o termo ‘crônica’ cedeu vez a ‘história’, finalizando, por conseguinte, o seu milenar sincretismo.

A crônica surgiu no jornalismo brasileiro como folhetim. No início, era um espaço que os jornais reservavam, semanalmente, para o que acontecia naquele intervalo de tempo. A redação era confiada a escritores e ficcionistas. Na época, os escritores não tinham condições de viver apenas de literatura, por isso, recorriam à imprensa – que pagava mal, mas pagava em dia. Até então, o folhetim não se assemelhava à crônica de hoje, entretanto, gradativamente, foi assumindo características que o tornariam o gênero mais independente do nosso jornalismo, moldando-se como crônica. Para Afrânio Coutinho, a crônica adquiriu personalidade com Machado de Assis, que rendeu-se ao gênero por muitos anos e contribuiu para sua evolução na literatura brasileira (MELO, 2003)

Nos primeiros anos da era Vargas, havia um contexto cheio de entusiasmo em relação às coisas nacionais. Desta forma, o futebol era difundido como “arte”.

As bases da crença no futebol-arte são muito sólidas, não se pode negar. O brasileiro via a seleção canarinho conquistar seu espaço jogando com graça, com leveza, vencendo potências européias que estavam em um nível de desenvolvimento acima do nosso. Ou seja, tínhamos uma espécie de trunfo que nos tornava “menos subdesenvolvido” (DINIZ, 2010, p. 5)

Foi nesse período que os cronistas esportivos exaltavam o esporte, não somente porque era um tipo de identidade nacional, como também porque “a crônica é uma análise do cotidiano; o futebol é um esporte do cotidiano. Nada mais natural que este, tão em voga nesse período, fosse tomado como tema por vários escritores” (DINIZ, 2010, p. 3).

Melo (2003) aponta que a classificação da crônica tem sido estudada por vários pesquisadores do Jornalismo e da Literatura. Dentre os pesquisadores, o autor cita Luiz Beltrão, Afrânio Coutinho, Massaud Moisés e Antônio Candido.

Este trabalho tomará como referência a classificação de Luiz Beltrão, que usa critérios jornalísticos ao fazer a divisão. A partir do tema, ele indica três tipos de crônicas: Crônica geral (trata de assuntos variados e ocupa um lugar fixo no jornal); Crônica local (também conhecida como urbana ou da cidade, ela capta aspectos tendenciosos da opinião

pública na qual a comunidade em que está localizada e fala sobre a vida cotidiana); Crônica Especializada (foca em assuntos referentes a determinados campos de atividade). Dentro da Crônica Especializada ainda existem três modalidades: a Crônica Analítica, na qual os fatos são expostos com brevidade e objetividade, e o cronista se direciona através da inteligência e não do coração; a Crônica Sentimental, na qual o cronista apresenta os fatos a partir dos seus aspectos líricos, épicos, que podem comover uma ação, em um impulso meio inconsciente, portanto, nela predomina o aspecto sentimental, isto é, o apelo à sensibilidade; por fim, a Crônica Satírico-humorística, que objetiva criticar, ridicularizando e ironizando fatos, personagens ou ações (BELTRÃO apud MELO, 2003)

2 OBJETIVO

Ao construir a crônica *O que é ter DNA rubro-negro?*, o objetivo foi narrar o sentimento de uma pessoa pelo Clube de Regatas do Flamengo. Para isso, tomou-se como base o que tinha se aprendido nas aulas teóricas de Jornalismo Impresso I e pôs-se em prática. Além disso, o objetivo foi construir um texto de jornalismo opinativo, e, assim, tentar envolver o leitor com uma linguagem que usa recursos literários.

3 JUSTIFICATIVA

Como já citado no resumo, a crônica *O que é ter DNA rubro-negro?* foi apresentada como produção textual da disciplina Jornalismo Impresso 1, ofertada no segundo período do curso de Comunicação Social-Jornalismo, da Universidade Federal do Amazonas, campus Parintins. O objetivo do trabalho era que os alunos produzissem textos opinativos, podendo escolher o gênero de sua preferência. Optei fazer a crônica, que além de ser um gênero opinativo, utiliza recursos literários em sua estrutura.

Antes mesmo de começar a cursar Jornalismo, eu tinha interesse pela área esportiva e já havia tido contato com alguns textos de Nelson Rodrigues, um dos grandes nomes da crônica esportiva. Um dos motivos que me fizeram admirar os textos de Nelson é que ele, apesar de ser torcedor do Fluminense, conseguiu produzir e representar o sentimento de milhões de flamenguistas. Adoraria dizer que, como Nelson, eu teria a capacidade de deixar o clubismo de lado e produzir algo que não fosse referente ao meu time de coração. Entretanto, devo confessar que esse não é o meu caso, pois sou torcedora do Clube de Regatas do Flamengo.

Quando a professora de Jornalismo Impresso I propôs que a turma fizesse um texto opinativo, vi ali uma oportunidade de apresentar uma produção textual na qual eu teria

liberdade para falar sobre algo que gosto e exercitar sobre o que era debatido em sala sobre jornalismo opinativo. Em suma, foi unir o útil ao agradável.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A “espinha dorsal” da estrutura da crônica *O que é ter DNA rubro-negro?* surgiu em 2011, quando eu descobri uma campanha denominada “Eu tenho DNA rubro-negro” na internet. Criada por Fábio Gil, André Tozza, Rafael Buruty e Bernardo Bandeira, a campanha me chamou atenção porque tinha o objetivo de incentivar torcedores do Flamengo de todo o Brasil a produzirem textos que descrevessem o sentimento de torcer pelo time rubro-negro. Para participar bastava acessar o endereço <http://dnarubronegro.com.br/eutenho> e enviar em texto ou vídeo a declaração sobre o que é torcer pelo time de maior torcida do país. Como prêmio, os autores dos melhores textos receberiam camisas com estampas da campanha. Ao final, quase 300 rubro-negros enviaram suas declarações, inclusive eu. Quinze camisas foram dadas aos torcedores que enviaram os melhores vídeos e cinco aos autores dos melhores textos. Não fui uma das vencedoras, mas muitas pessoas gostaram do texto, inclusive meu professor de Língua Portuguesa.

Então, a partir do texto que eu escrevi para a campanha, fiz algumas adaptações para melhor encaixá-lo no gênero crônica, até porque quando o escrevi, eu ainda não cursava Jornalismo e não tinha contato com as discussões feitas na universidade. A modificação principal foi inserir uma personagem no texto.

Meu objetivo era resumir em poucas palavras como é torcer pelo Flamengo, mesmo que eu saiba que isso é impossível. Para qualquer torcedor, seu time tem um significado em sua vida. Porém, basta qualquer pessoa ter o mínimo de contato com o futebol nacional, que percebe que a torcida do Flamengo tem um diferencial que foi percebido até por um torcedor de um time rival do Flamengo, o Fluminense. Escreveu Nelson Rodrigues em um texto publicado na revista *Manchete Esportiva*, em 26/11/1955:

time e torcida completam-se numa integração definitiva. O adepto de qualquer outro clube recebe um gol, uma derrota, com uma tristeza maior ou menor, que não afeta as raízes do ser. O torcedor rubro-negro, não. Se entra um gol adversário, ele se crispa, ele arqueja, ele vidra os olhos, ele agoniza, ele sangra como um César apunhalado. [...] Para qualquer um, a camisa vale tanto quanto uma gravata. Não para o Flamengo. Para o Flamengo, a camisa é tudo. Já tem acontecido várias vezes o seguinte: — quando o time não dá nada, a camisa é içada, desfraldada, por invisíveis mãos. Adversários, juízes, bandeirinhas tremem então, intimidados, acovardados, batidos. Há de chegar talvez o dia em que o Flamengo não precisará de jogadores, nem de técnicos, nem de nada. Bastará a camisa,

aberta no arco. E, diante do furor impotente do adversário, a camisa rubro-negra será uma bastilha inexpugnável. (CASTRO, 1993, p. 13)

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O produto que este trabalho está apresentando é uma crônica denominada *O que é ter DNA rubro-negro?*. O texto foi produzido no âmbito da disciplina Jornalismo Impresso I, no segundo período de Comunicação Social-Jornalismo, da Universidade Federal do Amazonas, campus de Parintins.

Conforme foi exposto na introdução deste trabalho, a partir da classificação de Luiz Beltrão acerca das espécies do gênero crônica, concluímos que a crônica construída trata-se de uma Crônica Especializada. E dentro das modalidades da Crônica Especializada, *O que é ter DNA rubro-negro?* e encaixa como uma Crônica Sentimental. No que tange ao campo específico que ela pertence, ela está incluída na área esportiva (crônica esportiva).

6 CONSIDERAÇÕES

Escrever a crônica *O que é ter DNA rubro-negro?* me proporcionou a prática do que havia estudado em sala de aula. Além disso, contribuiu para a minha experiência de escrita. Produzir este trabalho ampliou meus conhecimentos acerca dos temas Jornalismo Literário, Jornalismo Opinativo e, principalmente, o gênero crônica, pelo qual eu já havia tido interesse; além do aprofundamento teórico referente ao assunto, por meio do qual pude compreender e aperfeiçoar no âmbito acadêmico uma escrita que eu fazia antes cursar de Jornalismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBEIRO, Heródoto.; RANGEL, Patrícia. **Manual do jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2006.

CASTRO, Ruy (Org.). **À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

DINIZ, Ana Carolina Paiva. **A epopeia do futebol e a construção de heróis nas crônicas esportivas de Nelson Rodrigues**. Disponível em http://www.insite.pro.br/2010/Outubro/epopeia_futebol_herois.pdf. Acesso em 5 de março de 2014, às 22h.

MELO, José Marques de. **Jornalismo Opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. 3. ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.



MOISÉS, Massaud. **A criação literária – Prosa II**. São Paulo: Cultrix, 2003.

NASCIMENTO, Patrícia Ceolin do. **Técnicas de redação em Jornalismo: o texto da notícia**. São Paulo: Saraiva, 2009. v. 2.